

Apótes

Um guia
cultural e
turístico,
de Paulo
Heitlinger.
2021.

www.tipografos.net/ebooks

ISSN 2183-7856

Modo de usar

Esta publicação é para uso pessoal do leitor. É autorizada a citação de textos. Não é permitido a venda a terceiros, ou a disseminação deste PDF por outros sites. A licença concedida ao leitor não permite vender os conteúdos (textos, imagens e grafismos) a terceiros. É permitido imprimir este documento.

Não é permitido colocar este PDF em web-sites como ISSUU, etc. É terminantemente proibido colocar este ebook noutros sites! Pela simples razão: passados alguns dias (ou semanas) depois do primeiro lançamento, recebemos reacções, sugestões e comentários dos leitores, que nos permitem melhorar o conteúdo. Deste modo, fazemos edições, que incluem esses melhoramentos. As cópias ilegais, difundidas noutros sites, não beneficiam desses melhoramentos.

Editor, Copyright

Este E-book foi redigido, paginado e publicado por Paulo Heitlinger; é propriedade intelectual deste editor. Em 2019, a divulgação e venda do PDF é posta à disposição em www.tipografos.net/ebooks. All rights reserved. Edição: 2021. 400 páginas. 550 imagens. ISSN: 2183-7856.

Venda do formato e-book: termos e condições

Este livro digital é vendido em forma de exemplar personalizado, que identifica digitalmente o seu proprietário. O livro, fornecido em formato PDF, pode ser impresso pelo proprietário e partes escolhidas também poderão ser projectadas em sala de aula, por exemplo – se for esclarecida qual a origem deste documento e a sua autoria.

O proprietário deste exemplar também poderá copiar curtos trechos de texto, para simplificar o processo de citações.

Contudo, o exemplar comprado não poderá ser transferido a outras pessoas! A «transferência» deste exemplar a outra pessoa que não o seu comprador é facilmente detectável e servirá para o autor optar imediatamente pelos procedimentos jurídicos que o autor considere necessários, para salvaguardar os seus interesses comerciais e os seus direitos de autor.

Aconselhamos os nossos leitores a usar a versão mais recente do Acrobat Reader. Esta ferramenta, mais evoluída, não só permite visualizar vídeos e clicar todos os hiperlinks inseridos neste texto digital, como permite adicionar comentários. Deste modo, pode personalizar esta sua cópia do livro!



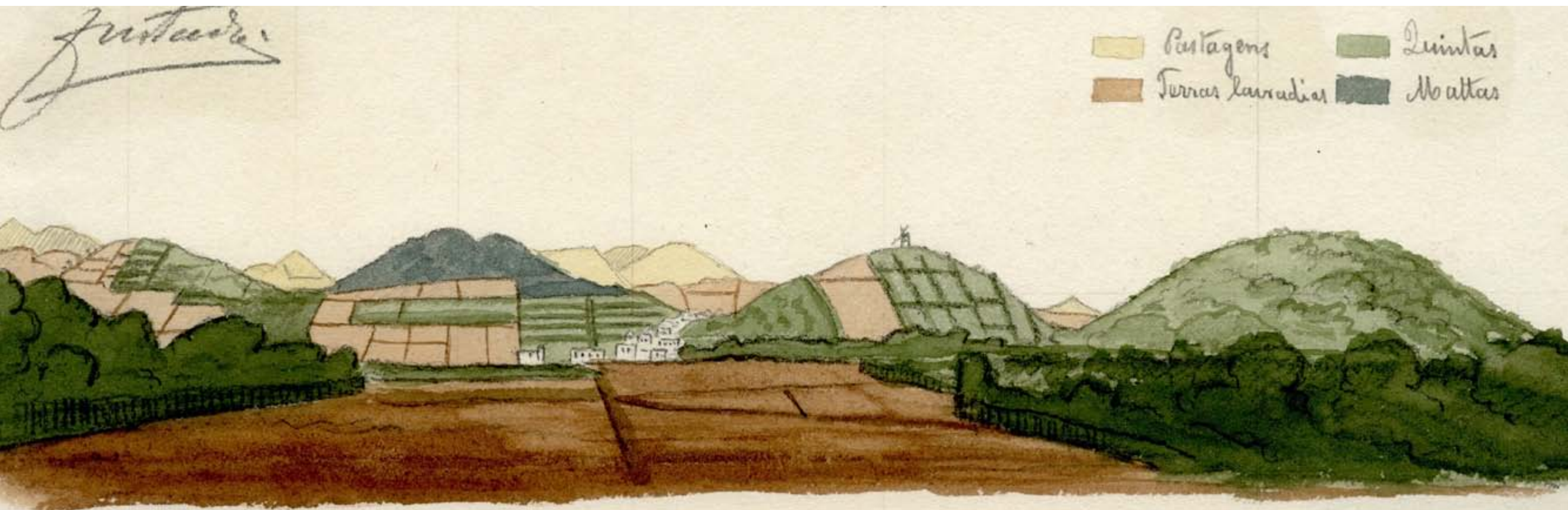
Neste Guia

Temas.....	3
Introdução	7
Como tudo começou.....	8
No mapa do Mundo	9
Localização	12
Vamos ao banho?	13
Como chegar aos Açores.....	15
As nove ilhas.....	18
Vulcanismo	19
1766 vulcões.....	20
Conhecer o Vulcanismo	21

A erupção do Vulcão dos Capelinhos.....	24
Caldeira(s).....	25
Ilhas que desaparecem.....	30
O vulcanismo que formou São Miguel	31
A Natureza não é.....	36

Baleias e Golfinhos.....	37
Baleação	38
Whale watching.....	49
Baleia à vista!	55
Botes baleeiros.....	60
João Tavares, mestre dos barcos.....	62
Peixes.....	64

Baleiar por baleiar
Nunca no mar baleei.
Balearam os meus olhos
Quando para ti olhei.



Férias activas.....67

Hipismo 69

Férias no Ar76

O deslumbrante Verde78

As 8 praias mais bonitas dos Açores79

Wellness e Relax.....82

Mercados tradicionais..... 86

Online shopping.....87

Espectáculos88

Walk&Talk Azores 90

Arquitectura..... 92

Gótico nos Açores..... 93

Tipografia Micaelense 103

Artesanato 105

Olaria..... 110

Folclore 113

Bird watching..... 114

Eventos 116

Ilha São Miguel 124

Introdução 126

Infos..... 133

Ponta Delgada 138

Jardins de Ponta Delgada 152

Comer e petiscar em Ponta Delgada..... 158

Ribeira Grande..... 164

Cultura do Chá..... 169



A majestosa Montanha do Pico com o seu Pico, ainda intacto, parece proteger todas as riquezas geológicas dos Açores. É um eloquente testemunho da força da Natureza e uma herança de 10 milhões de anos de Vulcanismo. Foto: ph.

Lagoa..... 177

Vila Franca do Campo 183

Povoação 186

Vale das Furnas..... 187

A árvore Criptoméria..... 191

O Nordeste 195

As Sete Cidades 199

Trilhos em São Miguel..... 201

Infos..... 203

Santa Maria..... 205

Introdução 207

Vila do Porto 211

Gastronomia 215

Ilha Terceira..... 221

Introdução 223



Festas na Terceira..... 231

Trilhos da Terceira 235

Angra do Heroísmo..... 236

Parque Arqueológico Subaquático 246

Praia da Vitória 250

Ilha Graciosa 255

Introdução 256

Burro da Graciosa 262

Santa Cruz..... 263

Infos..... 265

Trilhos da Graciosa..... 268

Turismo 268

Ilha de São Jorge..... 270

Reserva da Biosfera 272

Introdução 273

Velas..... 276

Calheta..... 279

Trilhos de S. Jorge..... 285

Ilha do Pico 288

Montanha do Pico 290

Introdução 292

Madalena 297

São Roque 304

Lajes, no Pico..... 306

Infos..... 309

Trilhos do Pico 310

Infos..... 311

Ilha do Faial..... 314

Introdução 316

Horta 321

Férias activas..... 331

Trilhos do Faial 333

Ilha das Flores 335

Introdução 337

Locais de interesse..... 338

Lajes 341

Santa Cruz..... 342

Férias activas..... 344

Trilhos das Flores 346

Ilha do Corvo 347

Introdução 348

Locais de interesse..... 350

Observação de Aves 352

Vila do Corvo..... 353

Trilhos do Corvo 356

Comer e beber..... 359

Comidas açorianas 359

Chicharro..... 360

Peixes dos Açores..... 361

Polvo..... 362

Leite..... 366

Queijo? Prove, que é mesmo bom! 367

A cultura do Ananás 369

Maracujá..... 371

Açafroa 372

Perrejl 373

Araçá..... 374

Meloa..... 375

Laranjas..... 376

Banana regional 377

Batata-doce 378

Inhame 380

Bolo lêvedo..... 381

Queijadas de Vila Franca 382

Cupcakes 385

Magnificat..... 386

Açorianos ilustres..... 387

Francisco de Arruda Furtado..... 388

José do Canto..... 390

John Philip Sousa 392

Antero de Quental..... 394

Monsieur Lacerda 396

Alfredo Bensaude 400

Canto da Maia 403

Natália Correia 407

Urbano 408

Victor-Hugo Forjaz..... 410

Nelly Furtado 411

Os Barcelos..... 413

Índice Remissivo 415

Índice..... 415



Introdução

Não são poucos os visitantes que, antes mesmo de chegarem ao Arquipélago dos Açores, já conheciam qualquer coisa de bom, vinda dos Açores. Por exemplo, a manteiga, o leite ou o já mundialmente famoso queijo açoriano.

Agora vão conhecer as vacas, os prados, os montes e vales, as fajãs e as fantásticas costas que recortam as ilhas. Vão olhar para o céu e ver Cagarros, vão olhar para o Mar e ver Baleias. Os Açores são um paraíso para os amantes da Natureza. E para os desportistas, também. E cada vez mais um centro que, especialmente nos meses de Verão, fervilha de actividades – veja o capítulo “Eventos”.

Este Guia cultural e turístico dos Açores convida-o a descobrir nove pedaços de terra que a Natureza moldou. Nove pequenos mundos, onde as montanhas se transformaram em miradouros, as crateras de antigos vulcões aninham misteriosas lago-

as, a costa está decorada com ilhéus, refúgios da avifauna marinha. Nas águas que as abraçam mergulham desconhecidas criaturas – Baleias! Golfinhos! As ilhas cobrem-se de uma vegetação exuberante, onde ainda é possível observar vestígios da Laurissilva, a flora nativa.

O povo açoriano expressa a sua hospitalidade nas comidas: serve-se uma cozinha onde predomina o tradicional. Descubra com este Guia dos Açores os legumes, frutas, condimentos, peixes, moluscos e carnes que se usam nestas ilhas. E irá gostar! Para ficar devidamente preparado, incluímos um extenso capítulo sobre comidas e bebidas típicas dos Açores. Aqui, claro, vamos apresentar o Polvo cozido com Vinho de Cheiro.

Ricardo Paulino pescou um bom polvo. Agora vais ser guisado com Vinho de Cheiro. Foto: ph.



Como tudo começou.....

Em termos culturais, económicos e políticos, os Açores começaram com a saga dos Descobrimentos portugueses. Entre 1470 e 1480, quando Nuno Gonçalves pintou os seus famosíssimos painéis (imagem ao lado), já os portugueses tinham começado a colonizar os Açores. Gonçalo Velho chegou à ilha de Santa Maria em 1431, decorrendo nos anos seguintes o (re)descobrimento ou reconhecimento das restantes ilhas do arquipélago dos Açores, no sentido de progressão de leste para oeste.

Uma carta do Infante D. Henrique, datada de 2 de Julho de 1439 e dirigida ao seu irmão D. Pedro, é a primeira referência segura sobre a exploração do arquipélago. Nesta altura, as ilhas das Flores e do Corvo ainda não tinham sido descobertas, o que aconteceria apenas cerca de 1450, por obra de Diogo de Teive. Entretanto, o Infante D. Henrique, com o apoio da sua irmã Dona Isabel de Portugal, Duquesa da Borgonha, mandou povoar a ilha de Santa Maria.

Os Portugueses começaram a povoar as ilhas por volta 1432, oriundos principalmente do Algarve, do Alentejo, da Estremadura e do Minho, tendo-se registado, em seguida, o ingresso de Flamengos, Bretões, outros europeus – e também norte-africanos.



O autor deste livro, em frente ao «Painel do Arcebispo». Os **Painéis de São Vicente de Fora** são compostos por 6 quadros criados pelo pintor português Nuno Gonçalves, entre 1470 e 1480. Estas pinturas estão expostas no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa. Constituem uma obra-prima da pintura europeia do século XV. Com um estilo poderosamente realista, retratam-se as figuras proeminentes do Portugal de então – a geração dos Descobrimentos. Os aqui mostrados, reunidos num gigantesco retrato colectivo, atravessam toda a sociedade, da nobreza e clero até ao povo. Foram estes senhores que mandaram povoar as ilhas dos Açores.

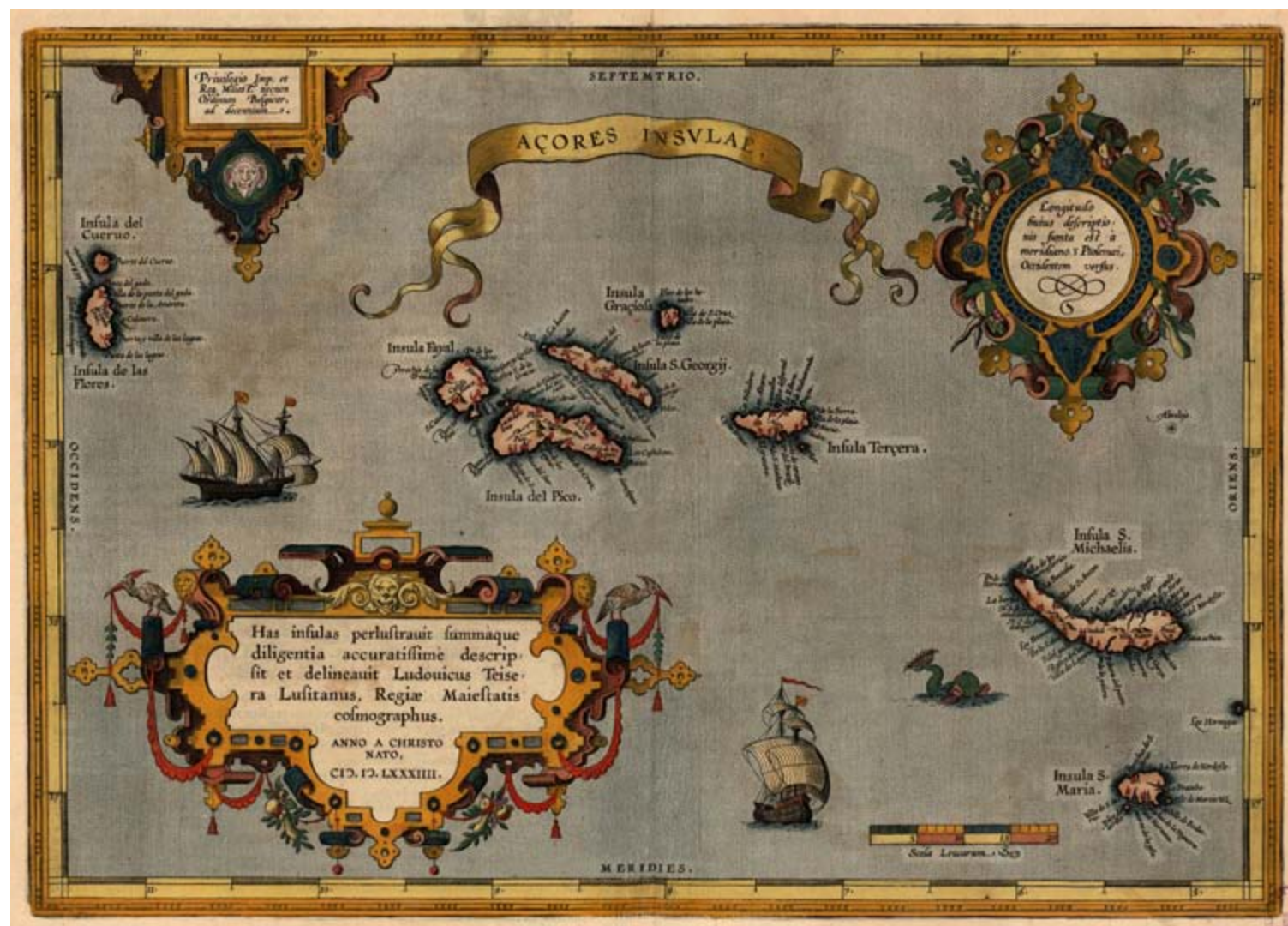
No mapa do Mundo

O primeiro mapa dos Açores com todas as ilhas do Arquipélago, surgiu apenas em 1584, numa obra do virtuoso cartógrafo flamengo Abraham Ortelius (1527 – 1598), criador do *Theatrum Orbis Terrarum*. Os mapas seguem as descrições do cartógrafo régio português Luís Teixeira. São conhecidos 15 mapas de autoria de Luís Teixeira, pioneiro na cartografia dos Açores. Teixeira manteve contactos intensos com cartógrafos neerlandeses como Jodocus Hondius e Abraham Ortelius, com quem contactou desde 1582.

Ortelius nasceu em Antuérpia. Iniciando-se como desenhador de mapas, em 1547 entrou para a guilda de São Lucas em Antuérpia na função de *afsetter van Karten*. A sua carreira inicial foi a de comerciante e as suas viagens antes de 1560 foram comerciais. Em 1560, Ortelius foi atraído, em grande parte por influência de Mercator, para a carreira de geógrafo científico; em particular dedicou-se – por sugestão do amigo – à compilação do atlas pelo qual ficou famoso, o *Theatrum Orbis Terrarum* (Teatro do Mundo).

Em 1575, Ortelius foi designado Geógrafo do rei de Espanha, Filipe II. Em 1578, lançou as bases para o tratamento crítico da antiga geografia com o seu *Synonymia geographica*, editado pela imprensa Plantin em Antuérpia e republicada em formato expandido como *Thesaurus geographicus* em 1587 e novamente expandido em 1596.

Na última edição, Ortelius considerou a possibilidade da existência da Deriva dos Continentes, hipótese que foi comprovada séculos mais tarde.



O *Theatrum Orbis Terrarum* é o primeiro atlas moderno. Foi compilado e desenhado por Abraham Ortelius e publicado pela primeira vez em 1570, em Antuérpia. Desde a sua primeira impressão, o atlas foi regularmente revisto e ampliado pelo autor em posteriores edições e formatos até a sua morte em 1598.

Pescadores com Castanholas

Nos Açores, as Festas do Divino Espírito Santo remontam aos primórdios do povoamento do arquipélago e constituem o principal testemunho de fé. Ao mesmo tempo são mostras de uma forte coesão comunitária.

A pesca artesanal em Rabo de Peixe é difícil, muito difícil. Vive de jovens audaciosos que dominam perigos e medos, constantemente virados para o mar, estabelecendo com o Atlântico um pacto do diabo.

Durante as Festas do Divino Espírito Santo bailam-se em Rabo de Peixe danças tradicionais denominadas “despensas” (ou “dispensas”), bem diferentes dos restantes “balhos” da ilha de São Miguel.

O Balho dos Homens da Terra (agricultores) e o Balho dos Homens do Mar (pescadores), são dançados apenas por homens, ao som e ritmo das castanholas que tocam durante a actuação.

No entanto, ao longo da dança as mulheres podem entrar e bailar – se assim o desejarem. Mas nunca iniciam este ritual ao lado dos homens...



As festas são extremamente valorizadas pela população local, atraindo muitos visitantes. Tal como em toda a ilha de São Miguel, existe uma devoção especial pelo Divino Espírito Santo, sendo famosos os cortejos e carros alegóricos referentes a estas festas. A Festa da Bandeiras é uma das manifestações destas comemora-

ções. Esta celebração engloba duas formas, a Bandeira da Beneficência, e a Bandeira da Santíssima Trindade, designada por «Festas da Caridade». Acompanhando estas duas Bandeiras, ocorrem as famosas «Despensas» e «Bailinhos», duas danças de Rabo de Peixe, na ilha de São Miguel.

“Amigos Verdadeiros”, um dos mais de 10 grupos de castanholas da vila de Rabo de Peixe.

Il o dia 25 de Abril de 2015 celebrou-se em Rabo de Peixe os 11 anos de elevação a Vila, com um programa comemorativo com desfile etnográfico. Oportunidade única para conhecer ao vivo dois dos grupos de castanholas.

São danças colectivas únicas em todo o vasto panorama do folclore português – em mais nenhum sítio vemos grupos masculinos a bailar ao som de castanholas, tocadas em uníssono. Contudo, em Rabo de Peixe ninguém conhece as origens desta notável prática – mas todos se lembram que «já era assim quando eu era criança».

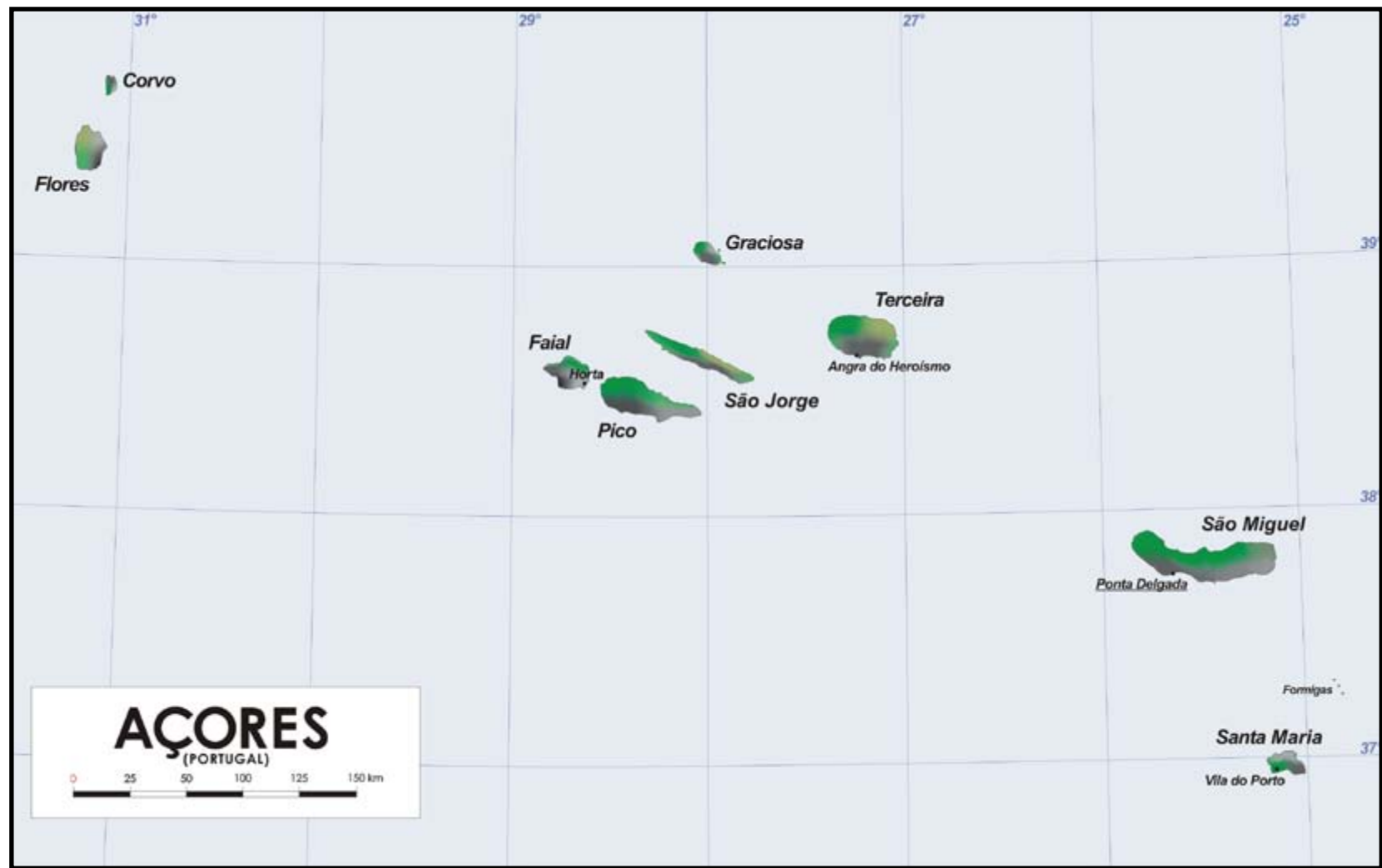
Os homens bailadores são acompanhados por acordeonistas e cantadores; eles próprios também cantam enquanto bailam. Rabo de Peixe, uma vila pobre, com fortes raízes na tradição da ilha de São Miguel, possui uma cultura popular assente nas festas tradicionais, no seu folclore e na música... ao compasso das castanholas!



Localização.....

Em pleno oceano atlântico, entre a América do Norte e a Europa, a 760 milhas marítimas de Lisboa e a 2.110 de Nova Iorque, nove ilhas de origem vulcânica formam o Arquipélago dos Açores. Os Açores são um arquipélago que, embora situado sobre a Dorsal Média Atlântica, devido à sua proximidade com o continente europeu

e à sua integração política na República Portuguesa e na União Europeia é geralmente englobado na Europa. Os territórios mais próximos são a Península Ibérica, a cerca de 2000 km a leste, a Madeira a 1200 km a sueste, a Nova Escócia a 2300 km a noroeste e as Bermudas, a 3500 km a sudoeste. Integra a região biogeográfica da Macaronésia.



Área do Arquipélago	2323 km2
Maior ilha: São Miguel	745 km2
Ilha mais pequena: Corvo	17 km2
O arquipélago tem três grupos:	
Oriental – Santa Maria, São Miguel.	
Central – Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico, Faial.	
Occidental – Flores e Corvo.	

Vamos ao banho?

O clima nos Açores? Hmm... Nos Açores existem condições climáticas especiais. O clima é temperado oceânico marítimo – por influência da Corrente do Golfo. As previsões são difíceis: num só dia podemos ter chuva, vento e um sol maravilhoso. Três ou quatro estações, no mesmo dia...

Não se registam grandes variações na temperatura do ar, que atingem valores médios de 13°C no Inverno e de 23°C, no Verão. A temperatura da água do mar também não mostra grandes alterações, oscilando entre os 17° e os 24°C.

O clima dos Açores não é nem muito quente, nem demasiado frio. A chuva é mais frequente entre os meses de Outubro e Março. Graças à constante alta humidade, as temperaturas de Verão são geralmente sentidas como sendo mais quentes do que os números registados, e as temperaturas de Inverno podem fazer-se sentir mais frias do que o anunciado – devido aos fortes ventos.

Quando visitar os Açores, prepare-se para um clima imprevisível e em constante mudança. Poderá conseguir um bom bronzeado no Inverno relaxando debaixo do sol numa zona protegida dos ventos. Por outro lado, poderá ser necessário vestir um casaco ou sobretudo para se aquecer na praia no Verão, quando o sol se esconder por detrás das nuvens e o vento soprar forte...



Estas destemidas senhoras vão nadar – no Inverno.

Na piscina natural, na água atlântica, no porto marítimo de Ponta Delgada. Foto: ph.

Que vestir?

Aconselha-se roupa leve para o Verão. Calções. Na Primavera e no Outono, sugere-se roupa adequada a dias mais frescos e mais húmidos. No Inverno, embora as temperaturas baixas não sejam rigorosas, chove com muita frequência, pelo que se recomenda o uso de impermeáveis e agasalhos apropriados.

O famoso Anticiclone dos Açores

O “Anticiclone dos Açores” é uma zona subtropical de alta pressão, que nunca se encontra directamente em cima dos Açores, mas sim a algumas centenas de quilómetros a norte ou sul do Arquipélago. Este fenómeno de altas pressões apenas assumiu esta designação como ponto de referência à zona povoada mais próxima. Graças ao “Anticiclone dos Açores”, os padrões climáticos são diferentes daqueles registados no continente. Geralmente, o clima é mais ameno e calmo, como é comum nas regiões subtropicais. Os Açores não têm um clima mediterrânico como os restantes países situados à mesma latitude; têm, sim, um clima marítimo húmido. Descobrirá que, graças a esse clima, os Açores estão permanentemente cobertos de flores.

As temperaturas médias de Inverno, entre Dezembro e Março, não descem abaixo dos 16°C. Durante a noite, é mais frio. A pluviosidade aumenta durante estes meses. No Verão, as temperaturas diurnas centram-se por volta dos 25°C (entre Maio e Setembro) e geralmente não serão inferiores aos 18°C durante a noite.



Nos Açores existe uma «época alta» para viajar, pois o clima no Verão é mais ameno e as ilhas têm uma aparência verde e fresca durante os meses da Primavera e do Verão.

Verão, fim de semana. Uma bela piscina natural, na costa norte da Ilha de São Miguel. Além das praias, várias piscinas como esta permitem tomar banho no mar. Foto: ph.

Como chegar aos Açores

Transportes nacionais e internacionais

O transporte aéreo é o principal meio para chegar aos Açores. Os aeroportos das Lajes (Terceira), de Ponta Delgada (São Miguel), de Castelo Branco (Faial), do Pico e de Santa Maria asseguram as ligações aéreas. Voos diários, ou semanais, garantem a ligação do Arquipélago com muitos pontos da Europa e de outros continentes. Entretanto, além da Sata e da Tap voam empresas low-cost para os Açores: Ryanair, easyjet, Air Berlin e outras mais.

As marinas do Arquipélago chegam veleiros vindos dos mais variados portos de mar do Atlântico. Enormes barcos de cruzeiros frequentam os portos de Ponta Delgada, Faial e Terceira. Em 2015, os portos marítimos dos Açores bateram o recorde de presenças de navios de cruzeiros, ultrapassando as 140 escalas, o que representa cerca de 110 mil turistas.

De ilha para ilha

Ligações aéreas inter-ilhas servem todos os Açores, incluindo a pequena ilha do Corvo.

Barcos rápidos e modernos garantem ligações marítimas entre ilhas, asseguradas pela Atlânticoline – é uma experiência alternativa para viajar entre ilhas açorianas. Desde 2005 que a Atlânticoline



Viajando pelos mares dos Açores. Foto: Atlânticoline.

ne faz o transporte marítimo de passageiros e viaturas entre as nove ilhas dos Açores.

A lancha *Ariel*, com capacidade para 12 passageiros, faz o percurso entre as ilhas das Flores e o Corvo. Mas a empresa conta ainda, desde 2014, com dois navios de 40 metros que efectuem o transporte entre as *Ilhas do Triângulo* (Faial, Pico e São Jorge) sendo estas ligações estabelecidas anualmente, e sazonalmente, também a ilha Terceira – o navio Gilberto Mariano com capacidade para 287 passageiros e 12 viaturas, e o navio Mestre Simão, com capacidade para 344 passageiros e oito viaturas.

A Atlânticoline é também responsável por mais uma operação, que se inicia em Abril e termina em Setembro, de transporte marítimo de passageiros e viaturas entre as nove ilhas, utilizando dois navios de 100 metros sobre regime de fretamento.

Para os clientes que efectuarem quatro viagens, a empresa conta com um pacote a partir dos 90 Euros, podendo ainda usufruir de 50% de desconto no transporte de viaturas.

Para aceder aos horários e tarifários, veja: www.atlanticoline.pt.

Dentro das ilhas

Um serviço regular de autocarros públicos permite deslocações para os pontos principais das ilhas (salvo no Corvo). O turista dispõe ainda de táxis e de várias ofertas de Rent-a-car. A empresa Tuk Tuk Azores circula desde 2013, tem três veículos e faz vários circuitos em Ponta Delgada e arredores.



Chama-se “Boca Negra”, mas é... vermelho! Peixes (exóticos?) à venda no Mercado da Graça, em Ponta Delgada. Foto: ph.

Alojamento

O turista tem ao seu dispor inúmeros hotéis, pensões, hostels, unidades de turismo rural e, cada vez, mais, alojamentos personalizados oferecidos por sites como o Airbnb.com.

Assistimos ao surgimento de novas ofertas, como hotéis com componentes de Wellness, ou hotéis para os amantes do Surf.

Ao hospedar-se deverá receber um cartão que não pode ser alterado durante a sua estadia, preenchido com o nome do estabelecimento hoteleiro, bem como o nome do cliente, o número do quarto e o seu preço.

O cliente, ao registar-se, deverá indicar o tempo que irá ficar no estabelecimento e só poderá prolongar a sua estada mediante novo contrato. A ocupação do quarto acaba às 12 horas de cada dia.

Reclamações: em todos os estabelecimentos é obrigatória a existência de um livro oficial de reclamações. Estas também poderão ser feitas nos serviços de turismo de cada ilha ou na Direcção Regional de Turismo.

Feriados

São feriados obrigatórios:

- 1 de Janeiro (Ano Novo);
 - 27 de Março (Páscoa);
 - 18 de Abril (sexta-feira santa);
 - 25 de Abril (Dia da Liberdade);
 - 1 de Maio (Dia do Trabalhador);
 - 9 de Junho (Dia da Autonomia);
 - 10 de Junho (Dia de Portugal e das Comunidades);
 - 15 de Agosto (Assunção);
 - 8 de Dezembro (Imaculada Conceição);
 - 25 de Dezembro (Natal).
- Além destes, o Feriado Municipal de cada localidade.

Religião

A população açoriana é predominantemente católica. Inúmeras igrejas, capelas e ermidas proliferam por todas as ilhas do arquipélago. Existem em algumas ilhas outras comunidades religiosas: Testemunhas de Jeová, Igreja Evangélica Baptista; Igreja do Nazareno; Igreja Evangélica Assembleia de Deus; Igreja Evangélica Casa de Oração; Igreja Evangélica Pentecostal e Igreja Evangélica Presbiteriana.

Passeios turísticos

Vários circuitos turísticos, por terra e por mar, organizados por agências de viagens e guias turísticos locais, oferecem ao visitante a pos-

sibilidade de conhecer os vários aspectos das ilhas, as suas paisagens e pontos de interesse. Por esse razão, encontrará, para cada uma das ilhas, as direcções correspondentes.

Van Tours e Jipe Safaris

Van Tours é uma designação contemporânea para os passeios feitos em carrinhas (= vans). Para conhecer as paisagens, pode participar num safari com jipes, percorrendo campos e localidades, provando a Gastronomia, descobrindo de perto as Festas e as tradições.

Moto4

Todos os trilhos são de fácil execução, predominando a viagem por caminhos com boa visibilidade e pavimentados. Os preços destes passeios incluem seguro, reportagem fotográfica, equipamento, trajecto pré-definido e briefing.

Vida Nocturna

Esplanadas, bares ou pubs são os locais para uma noite divertida. Para os mais activos: as discotecas existem em quase todas as ilhas. Ao longo deste Guia encontrará a listagem dos espaços que oferecem entretenimento durante as noites.

As nove ilhas

Cada uma das nove ilhas do Arquipélago dos Açores é única – e diferente das outras. As distinções não passam apenas pelos modos de falar e pelos diversos sotaques açorianos. Esta autonomia insular é tão notória, que até hoje não se formou um jornal, ou revista, ou meio de comunicação, que agrade a todos os Açorianos. Deste modo, os micaelenses tem os seus jornais diários, mas na ilha Terceira ninguém os lê, pois os terceirenses tem os seus próprios. Claro que em São Miguel também quase ninguém lê um jornal da Terceira...No site do Governo Regional dos Açores vai encontrar os seguintes jornais:

- Incentivo
- Tribuna das Ilhas
- Terra Nostra
- Diário da Lagoa
- O Breves
- Jornal da Praia
- Diário dos Açores
- Jornal do Pico
- Baluarte de Santa Maria
- Ilha Maior
- A Crença
- Atlântico Expresso
- O Dever
- Diário Insular
- Correio dos Açores
- Açores 9
- Açoriano Oriental



Flores de Açafrão; são usadas para produzir um condimento tradicional. Foto: ph.

Vulcanismo

J á andou dentro de um vulcão? Nos Açores é fácil fazê-lo. A **Gruta do Carvão** é de origem vulcânica; está localizada em Ponta Delgada, ilha de São Miguel. É um Monumento Natural com 4 troços (Paim, Secadores de Tabaco, João do Rego e José Bensaúde). Trata-se de uma longa gruta do «Complexo Vulcânico dos Picos», uma área de vulcanismo fissural, geologicamente recente, formada por cerca de 200 cones de escórias e por escoadas lávicas de natureza basáltica. Esta gruta possui, ao longo de vários troços, balcões nas paredes laterais, que são testemunhos da variação dos níveis da lava fluida que percorreu o interior do túnel ao longo da erupção vulcânica que o originou – ou por sucessíveis erupções cujas lavas por este túnel escorreram. Forma o maior túnel de lava de São Miguel. Actualmente está de novo a ser explorada; é possível percorrer uma extensão de 1250 metros, em dois troços separados. Para visitar: Rua do Paim - 2ª Circular, Ponta Delgada.

1766 vulcões

A génese dos Açores está impressa em 1766 vulcões, nove dos quais ainda estão activos. No subsolo, contam-se três centenas de cavidades vulcânicas – grutas, algares e fendas. Na paisagem, há caldeiras secas, lagoas em crateras, campos fumarólicos e nascentes termais.

Io mar, encontram-se fontes geotermiais submarinas. A majestosa Montanha do Pico, de cone ainda intacto, parece proteger todas estas riquezas geológicas. Testemunho do poder da Natureza, o vulcanismo do arquipélago impressiona pela diversidade e gera um magnetismo especial no visitante.

Centros de Interpretação

Além dos centros de interpretação das cavidades vulcânicas abertas ao público, o arquipélago possui vários centros de ciência que ajudam a compreender o geopatrimónio açoriano. O Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos, no Faial, inclui filmes, hologramas e conteúdos multimédia.

Outras paragens são o Observatório do Mar (Faial), Observatório do Ambiente, Museu Vulcano-espeleológico Os Montanheiros, (Terceira), Casa da Montanha (Pico), e o Observatório Vulcanológico e Geotérmico dos Açores (São Miguel).

Geoparque Açores

O Geoparque Açores integra desde 2013 a Rede Europeia e a Rede Global de Geoparques. Esta integração visa promover e proteger o património geológico do Arquipélago. A valorização da riqueza do seu património natural e do valor científico, turístico e educacional dos geossítios dos Açores são pilares essenciais desta iniciativa.

Acesso

Apenas um número limitado de grutas e algares está aberto ao público. No entanto, são conhecidas cerca de 270 cavidades naturais em todo o Arquipélago. A exploração destes locais pode ser feita, com um guia especializado e com equipamento adequado. Há operadores que se dedicam à espeleologia.

Quando?

O encontro com o Vulcanismo açoriano estende-se ao ano inteiro. A maior parte das cavidades visitáveis tem um horário fixo de aberturas durante parte do ano (geralmente coincide com as estações da Primavera e Verão). Nos restantes meses, a visita é possível mediante marcação prévia. Deve apenas ter-se em atenção as alterações meteorológicas, sobretudo no Inverno, de modo a enveredar pelos trilhos e miradouros mais adequados.

O que trazer?

Para percorrer os trilhos e conhecer os fenómenos vulcânicos de superfície, basta trazer roupa de caminhada ou montanhismo. Aconselha-se

calçado apropriado. O mesmo se aplica às grutas vulcânicas, dado que algumas partes do solo são irregulares e acidentadas. O equipamento especializado necessário para a visita às cavidades, como o capacete e a iluminação, é fornecido nos centros de interpretação.

Visitas de estudo

Grutas, museus e centros de interpretação estão abertos a visitas de estudo. Para agendar o melhor dia e hora, assim como obter informações adicionais, contacte a Secretaria Regional do Ambiente e do Mar.

Um dia em família

Visitar vulcões é algo que agrada tanto a adultos como crianças. Nos Açores, é fácil planear um roteiro que agrade a toda a família. O dia pode começar num miradouro de onde se contempla a paisagem criada pela natureza vulcânica dos Açores. Depois, a descida às profundezas subterrâneas, numa das várias cavidades preparadas para o efeito. São locais mágicos, apropriados para a visita dos mais pequenos. Sempre que o calor apertar, surge a hipótese de um mergulho numa piscina natural de lava. A visita a um museu ou centro de interpretação, responderá às perguntas surgidas durante as experiências do dia passado num mundo de vulcões.



Conhecer o Vulcanismo

Todas as ilhas açorianas são de origem vulcânica e a Microplaca dos Açores resultou da abertura do Oceano Atlântico, ou seja, do afastamento do Continente Americano, do Continente Euro-asiático e Africano. Este afastamento gerou a base dos Açores há 34 milhões de anos, quando os fundos oceânicos se expandiam, lentamente, para poente (lado americano) e para nascente (lado europeu), surgindo a sul

(lado africano) a grande fractura Açores > Gibraltar > Norte de África > Apeninos.

Após a ocupação humana das ilhas, na *Microplaca dos Açores* já foram registadas mais de 30 violentas erupções vulcânicas. Algumas das que ocorreram em terra, tiveram a designação de «mistérios» – pois eram fenómenos misteriosos para os primeiros colonizadores.

Mais de 50 anos passados, o Vulcão dos Capelinhos, que fez surgir o “pedaço” de terra mais jovem de Portugal é um ex-libris dos Açores, mencionado em todos os guias turísticos – não só pela impressionante paisagem que proporciona como pela importância do Centro de Interpretação ali edificado.

O Vulcão dos Capelinhos, na ilha do Faial (erupção em 1958) e a erupção submarina ao largo da Serreta na Terceira (em 1999), foram os últimos e os mais tristemente célebres fenómenos vulcânicos açorianos.

Os Açores são uma área importante para estudo das fontes hidrotermais profundas. Já foram descobertos importantes campos hidrotermais como os de Lucky Strike e Menez Gwen, localizados na Zona Económica Exclusiva dos Açores (ZEE).

As ilhas açorianas representam os picos mais altos de uma complexa cadeia de montes e vulcões submarinos situados na Crista Média-Atlântica.

O actual Arquipélago dos Açores corresponde a uma vasta plataforma oceânica encaixada entre as Placas Norte-Americana (a Oeste), Euro-asiática (a Nordeste) e Africana (a Sul). Esse território, de forma sensivelmente triangular, denomina-se **Microplaca dos Açores**. As zonas mais elevadas correspondem às nove ilhas e aos ilhéus associados.

A origem vulcânica das ilhas e o seu desenvolvimento torna-as um museu-vivo de fenómenos vulcânicos.

Mais informações pode obter nestes sítios:

- Observatório Vulcanológico e Geotérmico dos Açores (OVGA), na Atalhada, Lagoa, São Miguel.
- Centro Interpretativo do Vulcão dos Capelinhos, Faial.



O Observatório Vulcanológico

Com vista à promoção de actividades da Vulcanologia, da Sismologia, da Geotermia, do Ambiente, da Formação, da Reciclagem e da Actualização das entidades que o solicitem, nasceu em 2000 o Observatório Vulcanológico e Geotérmico dos Açores (OVGA). Este Observatório Vulcanológico e Geotérmico dos Açores

expõe belos exemplares de minerais e de fósseis do mundo e imagens da actividade vulcânica insular. Na Avenida Vulcanológica n.º 3 – Rosário. Aberto de segunda a sexta das 14:30 às 18:30 h. Situado na Atalhada, concelho de Lagoa (São Miguel), o Observatório Vulcanológico e Geotérmico dos Açores ocupa dois edifícios, uma oficina de apoio e um arquivo técnico e científico.



Muita lentamente,
a vegetação vai
recuperando
terreno na paisagem lunar
que a erupção do Vulcão dos
Capelinhos nos deixou...

A erupção do Vulcão dos Capelinhos

Na madrugada do dia 27 de Setembro de 1957, na Ilha do Faial a terra começou a balançar continuamente – mau presságio! Iniciava-se um dos mais recentes capítulos da história do Vulcanismo nos Açores.

O Vulcão dos Capelinhos esteve activo durante 13 dramáticos meses, com consequências devastadoras para os habitantes e a Natureza. Hoje, continua a apresentar uma paisagem inóspita.

As cinzas do vulcão foram lançadas ao ar até 1.000 m de altura. Houve violentas explosões e numerosos sismos. O Vulcão dos Capelinhos cuspiu mais de 30 milhões de toneladas de cinzas e lava, soterrando grande parte da ponta oeste do Faial. Passados mais de 50 anos, as cinzas vulcânicas ainda são espalhadas pelo vento...

O vulcão teve origem numa erupção submarina a 27 de Setembro de 1957 – depois de 12 dias de continuados abalos sísmicos, que vinham anunciando o pior. O fenómeno surgiu no mar, com a emissão de vapor de água e gases.

A erupção prolongou-se por 7 meses. Sucediavam-se enormes explosões, acompanhadas da emissão de jactos de cinzas negras e jactos de vapor de água, provocados pelo contacto da lava incandescente com a água fria do mar.

Durante os abrandamentos da erupção, afundavam-se as vertentes do cone do vulcão, levando à submersão da recém-aparecida **Ilha Nova**. Em Dezembro, na parte Leste do cone abriu-se uma fractura onde surgiram 7 repuxos de lava incandescentes que subiam



Foto: Espólio do T. C. José Agostinho/Museu de Angra do Heroísmo.

até 15 metros de altura, passando depois a concentrar-se em 3 chaminés onde as explosões se sucediam com intervalos de alguns segundos.

De Maio a Outubro de 1958, o vulcão passou da sua fase submarina para a terrestre, transição que foi marcada por uma forte crise sísmica com 450 abalos de terra na noite de 12 para 13 de Maio.

A erupção apresentava períodos de grande explosividade, com projecção de fragmentos de lava incandescente a mais de 500 m de altura, acompanhada por um forte ruído, intercalados por escoadas de lava.

Em Setembro de 1958, a actividade diminuiu; em Outubro assistiu-se à última emissão de lavas. Após 13 meses, o vulcão adormecera. O cone principal tinha agora 160 m de altura, tinham sido emitido materiais com um volume de estimados 174 milhões m³ e a ilha do Faial tinha crescido 2.4 km².

Perante a gravidade da situação, muitos auxílios humanitários foram encaminhados para o Faial, para amenizar a aflitiva situação das populações atingidas. O violentíssimo fenómeno de uma Natureza em cólera tinha alterado de forma dramática a vida da população do Faial. Para além dos sismos constantes, que se fizeram sentir durante mais de um ano, os campos agrícolas ficaram soterrados pelas areias e cinzas expelidas e numerosas habitações ruíram com o seu peso.

Famílias inteiras perderam os seus bens e o seu sustento. Esta trágica ruptura na vida faialense provocou um êxodo migratório para os EUA, facilitado pela proposta de lei do então senador John F. Kennedy no Congresso norte-americano. O seu **1958 Azorean Refugee Act** autorizava a imigração de todas as famílias afectadas. Emigraram então 15.000 pessoas, ficando a população do Faial reduzida a quase metade.

Findas as erupções, a península resultante foi chamada de **Ponta dos Capelinhos**. Hoje, é ponto de peregrinação obrigatório dos que visitam a ilha. Fica no fim de uma série de vulcões extintos, que integram a Caldeira e o Cabeço Gordo (ponto mais alto da ilha, 1206 m).

Localizada no meio da ilha, a Caldeira é a cratera de um antigo vulcão, com diâmetro de 2 km e profundidade de 400 m, encontrando-se hoje coberta por exuberante vegetação de Laurissilva. A formação da Caldeira resultou de um processo iniciado há cerca de 550.000 anos, tendo o último evento ocorrido há, talvez, 1.200 anos.

Caldeira(s).....

A palavra Caldeira designa a cratera de um vulcão que se abateu sobre si próprio. Um *lago de cratera* é a formação de um lago na caldeira de um vulcão.

Na Caldeira do Faial, para poder conservar este reduto da primitiva Floresta Laurissilva húmida, o troço da descida à caldeira é o único da ilha que não é de visitação livre, sendo necessária a presença de um guia credenciado pelo Parque Natural. Aqui estão representadas 47 das 73 espécies vegetais end micas das ilhas. 🐾



Caldeira do Faial. A mais de mil metros de altitude, esta caldeira impressiona pela sua dimensão. Está localizada na Ilha do Faial. Formada há aproximadamente 500.000 anos, esta cratera com 2 km de diâmetro e cerca de 400 m de profundidade, teve a última erupção há 1.200 anos. O seu interior é um dos melhores locais em todo o Arquipélago para observar a vegetação que cobria as ilhas antes do seu povoamento. Foto: Paulo Henrique Silva/SRAM.



A ilha do Corvo é a mais pequena dos Açores. Toda a ilha corresponde a um edifício vulcânico, com uma caldeira no seu topo (o **Caldeirão**) e cerca de 20 cones secundários nos seus flancos e intra-caldeira. Trata-se de uma “ilha-vulcão”, a única do arquipélago com estas características. O Caldeirão, com um diâmetro de 2,3 km e profundidade de 320 m, possui uma lagoa e no seu interior estão implantados 12 cones secundários. Foto: Paulo Henrique Silva/SRAM.



A ponta de dois vulcões extintos. Os Ilhéus da Madalena localizam-se na parte Sul do Canal do Faial, a 0,5 milhas náuticas do porto da vila e concelho da Madalena, na Ilha do Pico. Os ilhéus são o Ilhéu Deitado, com 52 m; e o Ilhéu em Pé, com 59 m. Os ilhéus correspondem aos restos de um aparelho vulcânico submarino quase destruído nos nossos dias pela abrasão marinha e pela acção de forças tectónicas. O seu fundo é uma antiga cratera em rocha de tufo.



Campo Geotérmico da Ribeira Grande

Em Portugal, a energia geotérmica de elevada temperatura só existe nos Açores. Na ilha de São Miguel aproveita-se a energia geotérmica do Campo Geotérmico da Ribeira Grande para produzir energia eléctrica. Estão instalados dois aproveitamentos: a Central Geotérmica da Ribeira Grande, com uma potência de 13 MW (de 1994), e a Central Geotérmica do Pico Vermelho, com uma capacidade produtiva de 10 MW (de 2006), cuja produção combinada contribuiu, em 2008, com cerca de 40 por cento na estrutura de produção da ilha. Foto: Siaram.

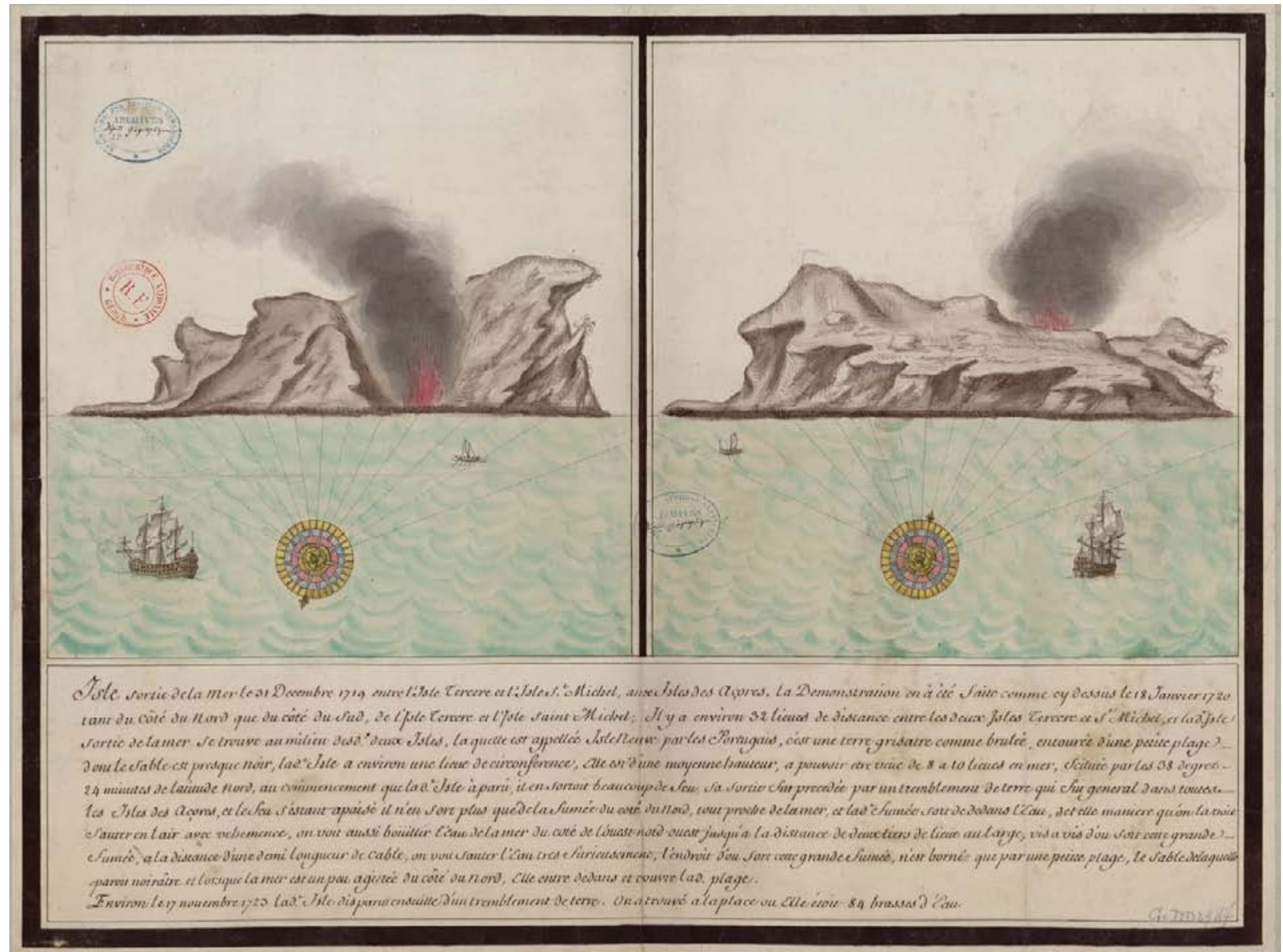


Lajidos do Pico

Os Açores estão situados numa zona de alta actividade sísmica. Responsáveis são os processos de placas tectónicas da dinâmica do MAD e da Fenda dos Açores... Foto: Siaram.

Ilhas que desaparecem.....

Em 1719 apareceu esta pequena ilha perto da costa da ilha Terceira – um produto de uma erupção vulcânica. Simplesmente, esta ilha durou pouco. Passados poucos meses, desapareceu, engulida pelo Mar. Se não houvesse este registo, talvez nunca soubéssemos que alguma vez existiu...



O vulcanismo que formou São Miguel.....

A Ilha de São Miguel – hoje a maior do Arquipélago dos Açores – começou a formar-se com erupções vulcânicas que deram origem a uma pequena ilha onde agora se situa o Nordeste. São Miguel teve um longo processo evolutivo até à formação da ilha como a vemos hoje...

Como se formou a ilha? Como muitas outras: por fases. O Nordeste representa a fase mais antiga. Os primeiros vulcões do Nordeste emergiram do Oceano Atlântico há 4 milhões de anos. A lava expelida formou uma pequena ilha onde agora situa a região do Nordeste. O que hoje se chama **Complexo Vulcânico do Nordeste** é constituído por espessas sequências de escoadas lávicas predominantemente basálticas, que atingem mais de 1.100 metros de espessura.

Há 3 milhões de anos, novas vagas de lava dão forma ao **Vulcão da Povoação**. Unidos os resultados destes dois complexos vulcânicos fica constituída a primeira parte da Ilha de São Miguel. Hoje, tanto o Vulcão da Povoação como o do Nordeste encontram-se extintos.

A estes dois juntou-se o **Vulcão das Furnas**; esse emergiu há 750 mil anos, tendo aumentando o tamanho de São Miguel. Esta erupção deu origem ao **Complexo Vulcânico da Furnas**, onde ainda

Uma das várias nascentes de água quente na Vila das Furnas, ilha de São Miguel. Ao lado, uma ribeira que escoia a água da nascente. O Vale das Furnas possui mais de 20 nascentes termais, e é atravessado por duas ribeiras, uma delas de água quente, o que torna esta zona uma das maiores hidrópoles do mundo.



hoje se regista actividade vulcânica secundária: fumarolas, nascentes termais, desgaseificação.

A ilha permaneceu com este formato – até que duas grandes erupções acontecem num mais curto espaço de tempo. Há 500.000 anos surge um novo vulcão, dando origem a uma nova ilha primitiva, a *Ilha das Sete Cidades*.

A segunda erupção, 250.000 anos depois, formou o Vulcão de Água de Pau (Vulcão do Fogo), tendo assim a (primeira) ilha ficado outra vez maior. O Vulcão de Água de Pau apresenta uma estratigrafia muito complexa, fruto de uma actividade vulcânica diversificada desenvolvida ao longo de mais de 200.000 anos.

A última erupção registou-se em 1563. Terá tido um cone muito alto (como o da Ilha do Pico). O Vulcão do Fogo deu forma ao grande maciço vulcânico da Serra de Água de Pau, localizado na zona central de São Miguel. Hoje, grande parte desta zona está rodeado por uma densa e exuberante vegetação endémica.

O canal marítimo que separava São Miguel primitiva e a *Ilha das Sete Cidades* ficou mais pequeno. Neste período, a ilha maior ia de Nordeste até à Lagoa, e havia um canal que a separava da Ilha das Sete Cidades. Note que durante meio milhão de anos houve esse canal que separava as duas ilhas. Estas uniram-se há 50.000 anos, quando surgiu a plataforma de Ponta Delgada. Aparece então uma fractura entre Sete Cidades e Lagoa, tendo-se instalado um novo vulcanismo (fissural), formando a paisagem como nós a conhecemos hoje.



A visita às fumarolas das Furnas é um grande atractivo turístico de São Miguel. Na margem norte da Lagoa das Furnas pode ver preparar o famoso **Cozido das Furnas**. O ritual que se repete todos os dias é presenciar o retirar das panelas das "caldeiras"; abre o apetite para o Cozido das Furnas, que pode ser comido nos restaurantes desta localidade. As panelas, com todos os ingredientes lá dentro, são colocadas em cavidades cilíndricas no chão, junto à Lagoa das Furnas. Cada uma destas "caldeiras" é tapada com uma tampa de madeira e coberta com terra, para evitar que se escape o vapor quente. A cozedura em estilo «Slow Cooking» demora algumas horas.



As duas ilhas uniram-se. A parte Este da ilha, a mais velha, formada há 4 milhões de anos, ficou unida com a parte Oeste, que tem “apenas” 500.000 anos.

O fundo de crateras de alguns vulcões serve de leito a belas lagoas como as duas Lagoas das Sete Cidades (no complexo vulcânico das Sete Cidades), a Lagoa do Fogo (no complexo vulcânico de Água de Pau), a Lagoa do Congro (no *graben* da Lagoa do Congro) e a Lagoa das Furnas (no complexo vulcânico das Furnas).

A caldeira do Vulcão do Fogo é a mais jovem da ilha de São Miguel, pois ter-se-á formado há cerca de 15.000 anos. A sua forma é resultado do último colapso, que ocorreu no topo do vulcão, há aproximadamente 5.000 anos.

Quais foram as erupções que afectaram as populações? As primeiras erupções ocorridas após o início do povoamento de São Miguel foram em 1439 no Vulcão das Sete Cidades, e em 1444, 1563 e 1630, no Vulcão das Furnas.

Erupção de 1630

Uma das maiores erupções vulcânicas registadas nos Açores desde o início do povoamento ocorreu no Vale das Furnas, a 3 de Setembro de 1630; 200 vitimas morreram. “E sendo pelas nove para as dez horas da noite, começou toda a Ilha abalar-se com amiudados terremotos, sem embargo de que se sentiam mais forçosos em umas partes do que outras, em particular nas freguesias da Ponta Garça e Povoação, lugares grandes e de muito povo, nos quais

A Caldeira das Sete Cidades é o maior lago de água doce dos Açores, ocupando 4,35 km² na parte Oeste da ilha de São Miguel. A Lagoa das Sete Cidades é um duplo lago composto pela Lagoa Verde e a Lagoa Azul, ligadas por canal pouco profundo atravessado por uma ponte baixa sobre a qual passa a estrada de acesso à freguesia das Sete Cidades.

O comprimento máximo do lago, no sentido norte-sul, é de 4,2 km, por uma largura de 2,0 km. A profundidade máxima é de 33 m. A Lagoa está rodeada de verdes campos de cultivo, emoldurada por encostas escarpadas que lhe conferem um ambiente especial. É um dos lugares mais visitados por turistas em São Miguel. Contudo, a água de má qualidade não permite tomar banho neste lago.

não ficou casa nem domicílio que não caísse, sem que escapasse a desgraçada Vila Franca do Campo, onde caíram também bastante número de casas. ...“

Hoje, a actividade sísmica de origem tectónica concentra-se ao longo de três falhas activas. Manifesta-se sob a forma de elevado número de microsismos – com magnitude inferior ao valor 3 da escala Richter.

Campo Geotérmico da Ribeira Grande

Em Portugal, a energia geotérmica de elevada temperatura só existe nos Açores. Na ilha de São Miguel aproveita-se a energia do Campo Geotérmico da Ribeira Grande para produzir energia eléctrica. Estão instalados dois aproveitamentos: a Central Geotérmica da Ribeira Grande, com uma potência de 13 MW (de 1994), e a Central Geotérmica do Pico Vermelho, com uma capacidade produtiva de 10 MW (de 2006), cuja produção combinada contribuiu, em 2008, com cerca de 40 por cento na estrutura de produção da ilha.



Uma fumarola na zona das Furnas, ilha de São Miguel. Actualmente, as manifestações visíveis do Vulcão das Furnas são quatro campos fumarólicos principais e várias nascentes termais e de águas gaso-carbónicas. Foto: ph.

Os mais estranhos micro-organismos

... dão-se bem em sítios, onde mesmo as pessoas com grande fantasia nunca os iriam pressumir. Por exemplo, nas zonas imediatamente ao lado das fontes quentes nas Furnas. Aqui crescem os „extremistas” entre os seres vivos: os chamados microorganismos *extremófilos*. São bactérias, que vivem sob condições extremas e que sobrevivem temperaturas até 113°C – ou valores de pH abaixo de 4. São tão pequenos, que só se distinguem sob um microscópio. Nos seus habitats formam colónias, que se identificam facilmente, pelas suas cores fortes..

A Natureza não é...

...o que os prospectos turísticos anunciam. Pois está fortemente ameaçada pela Agricultura, por exemplo. O Governo dos Açores vai investir 1,5 milhões de euros em mais uma obra para combater a eutrofização da Lagoa das Furnas, em São Miguel.

A empreitada, com prazo de execução de 450 dias, visa a construção de um canal de desvio de afluentes da ribeira do Salto da Inglesa e da consolidação do leito e margens do canal do Salto do Fojo.

Porquê este novo investimento? O estado actual da Lagoa das Furnas ainda não atingiu a qualidade ambicionada, devido ao volume de carga orgânica que ainda afluí à massa de água, nomeadamente nutrientes como o fósforo e o azoto.

A empreitada, no âmbito do Plano de Ordenamento da Bacia Hidrográfica da Lagoa das Furnas, contribuirá para «a diminuição da afluência de nutrientes para a massa de água, através da redução das escorrências, bem como da sua dinâmica de assoreamento», adiantou um executivo regional.

No passado, várias áreas das encostas da envolvente da lagoa das Furnas foram transformadas em pastagens, que foram sendo continuamente adubadas com estrumes e fertilizantes que, por escorrência, chegaram à lagoa, um dos 'ex-líbris' dos Açores em cujas margens se faz o famoso



Panorama sobre a Lagoa das Furnas. A cor verde da água resulta da concentração de algas. Foto: ph.

Cozido das Furnas. A Lagoa das Furnas é um dos sítios ao qual são levados todos os anos milhares de turistas.

A acumulação de nutrientes como azoto e fósforo na lagoa conduziu à proliferação de algas que revestiu as águas de um manto verde, impedindo a sua oxigenação (o fenómeno designado *eutrofização*). A eutrofização é o fenómeno causado pelo excesso de nutrientes (compostos químicos ricos em fósforo ou nitrogénio) numa massa de água, provocando um aumento excessivo de algas.

No âmbito do Plano de Ordenamento da Bacia Hidrográfica da Lagoa das Furnas, o Governo dos Açores adquiriu 300 hectares de terrenos agrícolas, tendo removido o gado e várias toneladas de resíduos das vacas.

Depois de se ter feito sentir na massa de água o efeito da retirada das pastagens, os anos de 2012, 2013, 2014 evidenciavam um decréscimo já não tão significativo. Há portanto a necessidade de se fazer um outro tipo de intervenção de natureza preventiva ou curativa. A medida tomada pretende actuar sobre a origem do problema, pois a bacia hidrográfica da ribeira do Salto da Inglesa e as bacias hidrográficas de toda aquela zona eram responsáveis por mais de 60% dos nutrientes que afluem à massa de água da lagoa.

Era fundamental fazer mais qualquer coisa para apressar o processo de evolução e recuperação da massa de água. A prazo, com a reflorestação e até com o desaparecimento e a diminuição dos teores de nutrientes nos solos circundantes à lagoa, essa evolução haveria de acontecer. O responsável disse acreditar que com mais esta intervenção “num prazo que não será imediato”, mas dentro de uma década, os efeitos desta intervenção far-se-ão sentir...

Baleias e Golfinhos



Baleação, por Victor Dorés

Do site da RTP Açores extraímos, com a devida vénia, um artigo de Victor Rui Ramalho Bettencourt Dorés – docente, escritor, actor, encenador, poeta, ensaísta e crítico literário açoriano, que também se dedica à Etnomusicologia e a estudos etnográficos e linguísticos.

Eu fui criado numa casa que tinha dentes de baleia no peitoril das janelas a servir de calço. Desconhecia-se, então, as potencialidades do Scrimshaw, e os dentes e os ossos de baleia eram pouco ou nada valorizados. Entre Abril e Outubro, a baleação fazia parte do nosso quotidiano e, na vila da minha infância, saíamos da escola em correias para assistir ao desmancho dos cetáceos, após terem sido rebocados para a baía da Barra.

Em meados dos anos 60 do século passado, a ilha Graciosa possuía duas armações baleeiras, e toda a gente mantinha um certo respeito para com os homens envolvidos na caça ao cachalote: oficiais, trancadores [aqueles que lançam o arpão], remadores, motoristas das «gasolinas», mestres calafates, vigias...

Sem as tecnologias da informação e da comunicação hoje ao nosso dispor, recorria-se então a uma sinalética convencional, através da qual a população tinha conhecimento da baleação em alto mar. Basta-

va olhar para o Monte da Ajuda, onde se encontrava (e ainda lá está) instalada uma vigia de baleia. Nesta vigia havia sinais convencionais que eram transmitidos com bandeiras de várias cores.

Para que fossem visíveis de vários pontos, essas bandeiras eram içadas num mastro implantado no lado direito da vigia. Quando era dado o alarme de baleia, por meio de um bombão, era hasteada a bandeira vermelha. Quando a baleia era trancada, era içada a bandeira branca e vermelha. Quando a baleia já estava morta era içada a bandeira branca. Lembro-me de ver



estas manobras realizadas pelo senhor António Francisquinho, que vigiava com bons binóculos.

Cinquenta anos depois, as baleias passeiam-se livremente nos mares dos Açores, foi criada a indústria do whale watching e os botes baleeiros são agora utilizados para regatas e outras competições desportivas. Só os vigias voltaram ao local de trabalho, agora munidos de telemóveis e de melhores lentes...

Para além de fazer parte do meu imaginário, a baleia é hoje meu objecto de estudo no campo da literatura, eu que tendo escrito a letra de «O boi do mar» (com música de Luís Alberto Bettencourt), muito devo à baleia, pois à custa dela vou recebendo anualmente uma (magra) «soldada» da Sociedade Portuguesa de Autores.

Não é impunemente que os Açores assistiram a 150 anos de baleação nos seus mares. Antes de chegar à literatura, a baleia já estava na linguagem popular («Vais ver com quantos paus se faz uma canoa»), no cancionero («Balear por balear/Nunca no mar balear/Balearam os meus olhos/Quando para ti olhei»), no adagiário («Baleias no Canal, terás temporal») e nas manifestações de cultura popular (miniaturas de botes baleeiros e scrimshaw).

É no século XIX que a baleação açoriana chega ao conhecimento de todo o mundo através de duas obras incontornáveis: *Carrière d'un Navigateur*, do príncipe Alberto de Mônaco (havendo neste livro um capítulo intitulado «La mort d'un cachalot» que descreve minuciosamente todas as etapas de caça da baleia); e *Moby Dick*, de Herman Melville. A bordo do navio baleeiro *Pequod* seguem três açorianos (sendo que, curiosamente, um deles passa a vida a cantar e a tocar viola...) e, no capítulo XXI, Melville tece rasgados elogios aos baleeiros açorianos, nos seguintes termos:

«Não poucos destes caçadores de baleias são originários dos Açores, onde as naus de Nantucket que se dirigem a mares distantes atracam frequentemente para aumentar a tripulação com os corajosos camponeses destas ilhas rochosas. Não se sabe bem porquê, mas a verdade é que os ilhéus são os melhores caçadores de baleias».

E depois há uma série de outras obras que abordam, sob diversos pontos de vista, a baleação açoriana. Por exemplo: *As Ilhas Desconhecidas*, de Raul Brandão, *Mau Tempo no Canal*, de Vitorino Nemésio, e as obras que formam o denominado «ciclo da baleia» de Dias de Melo: *Mar rubro* (1958), *Pedras Negras* (1964) e *Mar pela proa* (1976).

Não tenhamos dúvidas. A baleia é hoje um pedaço da cultura, da memória e da história destas ilhas e das suas gentes.

Victor Rui Ramalho Bettencourt Dores

Bibliografia

Teresa Perdigão, *Tesouros do Artesanato Português* Vol 4. – Papel, Scrimshaw, Pedra e Metais. Os artesãos que apresentam os seus trabalhos nesta obra foram escolhidos pela excelência do trabalho, pela capacidade de inovar.



Mandíbula de Orca.